O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 429

21 DE NOVEMBRO DE 1890

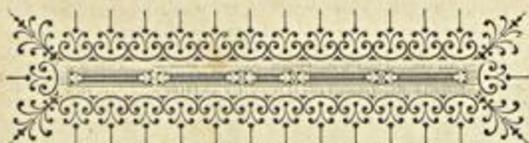
REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

PRIMEIRO ANNIVERSARIO DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL
15 DE NOVEMBRO DE 1889

O MARECHAL DEODORO DA FONSECA, PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

CHRONICA OCCIDENTAL

Continúa a affluir uma concorrencia enorme aos dois circos de cavallinhos, e as emprezas dos theatros portuguezes e os seus artistas a pensarem em protestos contra este estado de coisas, mas a não passarem de protestos a obras, como é santa costumeira na nossa terra, e com certeza nós hoje não voltariamos a fallar no assumpto, que está no mesmo pé e no mesmo pé continuará por muitos annos e bons, se não fosse um facto muito curioso, muito comico, muito original que se tem dado ultimamente nos espectaculos d'esses circos, facto a que os jornaes se tem referido, sem comtudo vermos em nenhum d'elles notada a incoherencia genuinamente nacional que esse facto representa.

N'essas enchentes dos circos tem havido quasi todas as noites um borborinho enorme—segundo os jornaes referem — originado pela insistencia extranhamente patriotica com que parte dos espectadores exige que se toque a *Portugueza*.

Devem confessar que não ha nada mais divertido, e mais estravagante de que estas manifestações do patriotismo!

Os patriotas desertam dos theatros nacionaes, deixam os artistas seus patricios a representar para os bancos, enchem os colyseus onde não ha um unico artista portuguez, vão levar aos estrangeiros o dinheiro e o applauso que negam aos seus compatriotas e depois em nome do patriotismo pedem a *Portugueza!*

Ora, francamente, tudo isto não é muito rediculo, muito incoherente e sobre tudo muito triste, profundamente triste, porque demonstra bem a desorientação que por ahi lavra em muitos espiritos e a falta de sinceridade, de convicção, de consciencia, com que se falla em muita coisa que se não comprehende, com que se alardeam muitos sentimentos que se não possuem?

Temos d'um lado o theatro portuguez luctando com uma crise séria que põe em grave risco a arte nacional, os artistas nossos irmãos onerados por decimas, por impostos, por contribuições, vendo em horisontes proximos desenhar-se-lhes um futuro desgraçadissimo a falta de concorrencia do publico aos seus espectaculos, do outro lado temos os circos cheios de artistas estrangeiros, que não pagam nem um real de imposto ao paiz, porque não são collectados, e que levam d'aqui rios de dinheiro, porque os seus espectaculos são concorridissimos, e o patriotismo tendo de se manifestar n'esta occasião tão grave para a arte patria, o que faz?

Deixa os theatros nacionaes ás moscas, atulha os espectaculos das companhias estrangeiras, e para manifestar o seu amor á patria, pede a *Portugueza!*

Triste, profundamente triste e profundamente symptomatico tudo isto!

* * *

Fallámos incidentalmente da *Portugueza* e agora vamos fallar muito propositalmente do seu illustre auctor, o laureado maestro Alfredo Keil.

Temos aqui ao nosso lado sobre a nossa meza a sua obra prima, o seu *capo-lavor*, a sua applaudida *D. Branca*, impressa n'uma edição formosissima, que é tambem justamente uma obra prima do seu genero.

Na primeira pagina do seu livro Alfredo Keil dedica a sua primeira grande obra á memoria querida de el rei D. Luiz, esse disvelado e intelligente protector das bellas artes e das bellas lettras a quem a Historia começa já a fazer plena e inteira justiça.

El rei D. Luiz era muito amigo de Alfredo Keil, como era amigo de todos aquelles que tinham talento e trabalhavam, e o illustre maestro paga honradamente uma divida de gratidão n'essa sua homenagem á memoria do chorado rei.

Nas capas do volume, uns magnificos cromos denunciam no auctor do livro que os escolheu o artista delicadissimo que em Alfredo Keil completa o compositor laureado.

Da *D. Branca* ha uma edição especial de 200 exemplares numerados, tendo cada um em pagina especial o seu numero e impresso o nome da pessoa a quem o illustre maestro faz a gentileza de o offerecer.

Repetimos: a edição da *D. Branca* é uma edição luxuosa e formosa, como formosa e luxuosa é a opera, que entre nós teve tão brilhante e extraordinario exito, e que, naturalmente, ainda este anno veremos em S. Carlos, pois está na companhia da presente época, a grande artista que com o seu poderoso talento fez a genial creação do personagem de *D. Branca*,—Helena Theodorini.

Alfredo Keil tem já muito adiantada uma nova opera, cujo espectaculo ultrapassa ainda os deslumbramentos de *mise-en scene* da *D. Branca*.

Essa nova opera chama-se *Irene*, e tem por assumpto a lenda tão portugueza de Santa Iria.

Como se vê d'este assumpto, é uma obra phantastica em que o sobre natural tem grande parte e em que ha bailados d'uma grande originalidade musical e de um effeito scenico perfeitamente novo, sendo um d'esses bailados a lucta dos anjos, transplantada quasi que textualmente do *Paraiso Perdido* de Milton.

* * *

Sobre a nossa meza temos tambem um outro livro de genero inteiramente diverso, um livro de grande actualidade, que está tendo um enorme *successo* de livraria, já pelo assumpto momentoso de que trata, já pelo nome que o firma, que sendo na litteratura patria um dos mais gloriosos, senão o mais glorioso do nosso tempo, tem na materia de que o livro trata, uma competencia e uma auctoridade verdadeiramente excepcionaes.

Esse livro, adivinharam-o já de certo, é *As colonias portuguezas do seculo XIX*, por Pinheiro Chagas.

Nas 2?8 paginas d'esse livro, editado pela livraria Pereira, faz o seu illustre auctor a historia rapida mas succinta, de todas as nossas colonias na Africa desde 1811 a 1890.

O glorioso orador e eminente estadista, que da sua passagem pelo ministerio da marinha deixou na historia das nossas colonias um brilhante rastro, termina o seu livro com o *ultimatum* de 11 de janeiro.

«Fechamos com um veu de luto esta narrativa, que abrange pela nossa parte um periodo de 79 annos, porque principiou em 1811 para acabar em 1890, diz Pinheiro Chagas. Parece que está proxima a terminar n'esta elegia a gloriosa epopéa começada pelo infante D. Henrique. Atravessamos apenas uma crise passageira, e Portugal, o Portugal descobridor e colonisador, resurgirá com brilho novo e nova gloria do abysmo em que estivemos quasi a precipitar-nos?

«Ah! conseguil-o-hiamos de certo, se soubessemos levantar acima das mesquinhas paixões que nos dilaceram, a idea sacrosanta da Patria.»

O livro de Pinheiro Chagas é de todo o ponto interessantissimo, e, no momento actual, é um livro indispensavel a todos os portuguezes que pensam a serio na patria, embora não saibam de cór a *Portugueza*.

A publicação d'esse livro, n'esta occasião, é uma bella obra patriotica.

* * *

Os theatros deram-nos, n'estes dez dias, pouco em quantidade, mas, em compensação, muito em qualidade.

No theatro portuguez houve apenas uma peça no Gymnasio, mas uma peça que teve grande nome em França e que foi considerada pela critica parisiense uma das obras primas theatraes d'estes ultimos tempos — o *Condecorado*, de Henri Meilhac.

E realmente como factura theatral, como espirito parisiense, como estudo delicadissimo de *menage* fim de seculo, é um verdadeiro primor a peça de Meilhac a que no Gymnasio Beatriz, Soller, Eloy e Cardoso deram um desempenho muito notavel.

A peça ao principio recebida com certa frieza, porque é muito differente do genero de franca comedia de *charge*, que é o habitual do Gymnasio, acabou, como não podia deixar de ser, por agradar muitissimo, triumphando em toda a linha, como era de direito.

S. Carlos deu n'este intervallo só mais duas peças, o que é muito pouco em vista da variedade constante de repertorio que o theatro dá, variedade que se explica pelo enthusiasmo do nosso publico pelas *premières* lyricas, para que elle se reserva sempre, sendo necessario que uma opera tenha realmente um grande successo, para chamar gente ao theatro depois da primeira noite.

Com uma d'estas ultimas peças novas deu-se isso, teve um extraordinario successo,—*A Lucrezia Borgia* e por isso a empreza poude descançar mais na faina de qualquer *première*.

A *Lucrezia Borgia* teve um successo colossal, como ha muitos annos não tem em Lisboa, não se parecendo por isso com o seu immediato antecessor *Mephistopheles*, que passou apenas uma noite pelo palco, para logo se sumir nas sombras do archivo, e sem saudades de ninguem, o que mais é.

O successo colossal na *Lucrezia* é a Theodorini, a quem o publico de Lisboa este anno começa a fazer plena justiça, essa justiça que nós lhe fizemos desde a primeira vez que ella veio a Portugal e que a considerámos logo como a cantora de maior talento, de mais vastos e poderosos recursos dramaticos que ha hoje no mundo lyrico.

Nas duas épocas que a Theodorini esteve em Lisboa o publico applaudiu-a bem, porque não podia deixar de applaudir, mas havia reticencias nos seus applausos, e todas as ovações feitas á grande cantora, estiveram sempre muito áquem das ovações a que tinha incontestavel direito o seu excepcional merito artistico.

Essa hostilidade profundamente injusta para com a Theodorini manifestou-se ainda esta época na noite do seu debute.

Menotti e Mancinelli foram recebidos com applausos ao entrar em scena como era de justiça e a Theodorini entrou sem se ouvir uma palma.

O que queria dizer isso? Manifesta hostilidade.

Theodorini é innegavelmente uma grande artista, revelára ao publico de Lisboa a *Gioconda*, creára, com extraordinario successo, duas operas portuguezas, os *Dorias* e a *D. Branca*. Porque era que o publico lhe recusava, a ella, que além de tudo isso é uma senhora, esse acolhimento sympathico, delicado, gentil, que expontaneamente fazia a Mancinelli e a Menotti?

A grande artista não pode deixar de se ter impressionado com essa accentuada frieza hostil do publico, mas cantou divinamente, como ella canta e representa a *Gioconda* e no *duetto* do 2.º acto o publico vencido, fez-lhe uma grande ovação, no fim da opera o publico perfeitamente subjugado, dominado por aquelle colossal talento, acclamou-a entre ruidosos applausos.

A *Lucrezia* completou o triumpho extraordinario da famosa cantora.

Ha muitos annos que não se ouve cantar e representar assim o papel de *Lucrezia Borgia* em S. Carlos. O talento assombroso de Theodorini descobriu novos effeitos na musica de Donizetti e no drama de Hugo: pela primeira vez o publico viu o que era o personagem da *Lucrezia*, mercê do extraordinario genio dramatico da Theodorini e por isso a velha opera teve um d'esses successos enormes, que são raros em S. Carlos e que se tornou um acontecimento em Lisboa.

O sr. Moretti foi muito feliz n'esta opera; fazendo esquecer a má qualidade da sua voz pelos primores do seu canto, e se fosse um bocadinho mais actor, se désse mais importancia á parte dramatica do seu papel teria sido um Gennaro irreprehensivel.

A Sr.ª Leonardi foi o mais formoso Maffio Orsini que tem pisado o palco de S. Carlos e cantou toda a sua parte com um relevo artistico com que ella não costuma ser cantada entre nós.

O baixo o sr. Wulmann houve-se muito regularmente no papel do duque de Ferrara, e por tudo isto, e pela maneira como Mancinelli dirigiu a velha opera, ella teve um successo e despertou uma curiosidade, que muitas operas novas não conseguem despertar.

E foi por este successo de *Lucrezia*, que a empreza já a deu tres vezes, sempre com enchentes e com ruidosos applausos e poude fazer esperar os *Pescadores de Perolas*, com que deve fazer uma d'estas noites o seu segundo debute a prima dona Linda Brambilla.

Gervasio Lobato.

O MARECHAL DEODORO

Em seguida ás desconsiderações havidas contra o exercito brazileiro, pelo governo imperial: — transferencias de officiaes de uns para outros corpos, apenas suspeitos de não serem affeiçoados ao ministerio Oiro-Preto, os decretos creando a guarda nacional e determinando ao exercito de linha a obrigação de fazer a policia;—voltaram-se todas as attenções para o marechal Manoel Deodoro da Fonseca, figura tão popular no exercito brazileiro como o foi Garibaldi na Italia, e entre nós o marechal duque de Saldanha.

O actual presidente da republica brazileira, segundo os deficientes dados, que a urgencia d'este artigo nos facultou, nasceu em 1827, e serve no exercito desde 1845. Na celebre campanha do Paraguay tornou-se notavel pela sua bravura. Feria-

se a batalha de Itororo, a 6 de dezembro de 1868, e Deodoro da Fonseca correndo aos mais arriscados postos, recebe uma balla que o deixa em gravissimo estado.

Tinha, muito antes da revolução, como dissemos, Deodoro da Fonseca um grande prestigio sobre a nação brazileira, mas entre o povo tornava-se tão estimado como Garibaldi entre os italianos e o nosso Saldanha entre os portuguezes. Porque, Manoel Deodoro da Fonseca é d'estes homens que se impõem pelos altos dotes de um coração de *elite*, e pela rigorosa observancia do seu altruismo.

E tão altruista, e tão isentos de interesses proprios teem sido todos os actos do marechal Deodoro, actual generalissimo dos estados unidos da republica brazileira, que a revolução poude quasi considerar-se abortada, porque Deodoro da Fonseca, — e d'elle se fiava tudo! — achava-se gravemente doente quando, ao dar-se o facto das irritantes transferencias dos batalhões n.os 22 e 23 de infanteria, os regimentos de cavallaria n.º 9 e de infanteria n.º 7 que deviam ir successivamente, o n.º 22 para o Amazonas, o n.º 23 para Minas Geraes, o 9.º para a escola militar, desalojando os alumnos dirigidos por Benjamin Constant, e o 7.º do Rio de Janeiro para a longinqua estação de Matto Grosso.

A desobediencia á ordem de partida da cavallaria n.º 9 deveria ser o signal, o *toc-sin* da revolução, mas o homem escolhido para chefe do movimento por Quintino Bacayuva, Aristides Lobo, Floriano Peixoto, Benjamin Constant, Lorena, o almirante Wandenkolk e outros devotados brazileiros, — o marechal Deodoro da Fonseca estava gravemente doente!

Como resolver a questão?

*
* *

Estava tudo perdido. A revolução abortava irremediavelmente. O chefe, em volta do qual nenhum brazileiro hesitava em apresentar-se estava de cama com dois causticos abertos.

Mas, Deodoro da Fonseca, em frente da salvação da patria, do perigo que corriam os seus queridos camaradas, offereceu immediatamente o sacrificio da sua vida á vontade da nação brazileira! Em menos de uma hora ergueu-se do leito em que enfermava, fardou-se, montou a cavallo e dirigiu-se para o campo da Acclamação onde estavam as tropas que os ministros do imperio haviam mandado sair com receio de algum pronunciamento por parte dos militares. Assim que appareceu o marechal, as tropas apresentaram-lhe as armas, e o povo acclamou-o dando-lhe vivas, ao exercito e á armada.

Ás 7 horas da manhã de 15 de novembro os corpos sublevados sahiram de S. Christovam e marcharam para o quartel general, onde estavam reunidos os ministros do imperio, da agricultura, da justiça e dos estrangeiros.

Nas phisionomias dos soldados e officiaes havia mais anciedade do que decisão; espalhou-se a noticia do grave estado do marechal Deodoro; o governo desconfiava do movimento militar e tinha noticias seguras sobre as intenções dos sublevados. Estava imminente um encontro violento. O barão do Ladario com uma actividade extraordinaria organisava a defeza e preparava um golpe de mão sobre os amotinados. Suppozera-se sempre que não haveria lucta, porque os revolucionarios contavam com o proprio ministro da guerra, mas á ultima hora o barão de Ladario e o visconde de Oiro Preto demonstraram, pelas medidas que tomavam, que estava organisada a resistencia. Os que mais de perto tratavam com os chefes conheciam todas estas informações e receiavam o sacrificio de tanta vida illustre em favor de um governo condemnado pela nação brazileira; e eis porque nos seus rostos mais se via a nuvem ensombrada da tristeza do que o brilho decidido dos ardores da lucta.

Algumas palavras, porém, de Deodoro da Fonseca mudou inteiramente a face da questão. «No ministerio da guerra, bem como em volta dos ministros, não quero que se tire uma espada fóra da bainha, nem se dispare um tiro sem minha ordem.» D'aqui resultou que os mais zelosos cumpridores das ordens do visconde de Oiro-Preto eram os officiaes implicados na revolução, e aconteceu por mais de uma vez que os emissarios enviados pelo ministerio da guerra em cumprimento de ordens relativas ao movimento das tropas, não tornaram a apparecer!... Este facto recorda-nos um outro acontecido entre o inglez Beresford, então general em chefe das divisões portuguezas, e o pae do nosso inolvidavel Duarte de Sá. Eis o caso: os pobres dos nossos soldados esmagados sob a tyrannica disciplina ingleza, desertavam ás dezenas, designadamente da companhia a cargo de Duarte de Sá.

Beresford quiz saber como se davam tão repetidamente taes actos de indisciplina, e chamando Duarte de Sá ao quartel general, interrogou-o n'estes termos:

— Como fazem seus soldados, senhor Sá?

Duarte de Sá respondeu fazendo frente á retaguarda a abalando pela primeira porta que se lhe deparou. Beresford mandou o chamar, reprehendeu o severamente por não attender a sua pessoa e ameaçou-o de prisão se não respondesse á pergunta:—*Como fazem seus soldados, sr. Sá?*

Duarte de Sá perfilou-se e disse sem se perturbar:

— Fazem exactamente o que eu fiz; com a differença que eu voltei, e elles não me tornam a apparecer.

Pois com o ministerio Oiro Preto dava-se quasi a mesma cousa. Os soldados mandados pelo ministro da guerra, em serviço do governo, a diversos quarteis ou não voltavam, ou participavam ao general Deodoro as ordens recebidas. O governo dava ordens no sentido de embaraçar o movimento dos revoltosos que já avançavam desassombradamente para o quartel general onde se tinha reunido o ministerio, mas quem muita vez recebia essas ordens era o general Deodoro. O processo era simples: ordem para sair tal regimento para o ponto tal, o ajudante d'ordens partia a galope em procura de Deodoro da Fonseca ou de um dos seus amigos. O marechal se confiava no regimento mandava-o reunir ás suas forças, senão, mandava o para um sitio diametralmente opposto áquelle para que recebera ordem.

Este singularissimo movimento de tropas tinha uma razão de bondade na qual se accusava o grande coração de Deodoro da Fonseca,—regenerar a patria, mas evitar a effusão de sangue.

A singularidade das evoluções militares chegou a tal ponto, que o proprio visconde de Oiro Preto, não sendo militar, percebeu ou desconfiou do stratagema ao chegar ao quartel general.

«Quando me apeei (conta o visconde de Oiro Preto em uma carta muito conhecida) penetravam no portão as primeiras filas do corpo policial da côrte, bastas e numerosas. Ao entrar na varanda, ouvi o sr. ministro da guerra que presenceava o desfillar d'aquella tropa, exclamar:—«Agora, sim; temos gente sufficiente e estamos bem!»

—«E ahi vem mais, retorqui alludindo ao corpo de bombeiros, que vira tambem encaminhar-se para o quartel general; é tempo de ir ao encontro da 2.ª brigada. Dê v. ex.ª as ordens»

«Vendo que sahia do quartel e marchava para o lado do paço municipal um corpo de linha, e indagando qual era e para onde ia, respondeu-me:

— «É o 10.º de infanteria, e vae postar-se no largo da Lapa para impedir que os alumnos da escola militar, tambem sublevados, façam juncção com a columna que vem de S. Christovão.»

— «Mas, contestei, estas ultimas forças estão mais proximas, avisinham-se, são as de que mais ha a temer, e v. ex.ª permitte, que, exactamente o batalhão que me disseram ser o de maior confiança, deixe o posto do perigo?! Pois ahi vem artilharia e cavallaria, e manda essa tropa ao encontro dos meninos da Praia Vermelha?»

Em tudo isto se está vendo, n'uma proeminente evidencia, o alto prestigio do general Deodoro da Fonseca, não só sobre os militares como no elemento civil E para se adquirir tal ascendente sobre homens de classes diversas com intuitos e alvos differentes, é preciso, é incontestavel, que n'essa entidade indiscutivelmente superior que tal conseguio, se reunam qualidades de coração e caracter de ordem tão elevadas que não deve admirar que tudo tenha immediata realisação, quando um cerebro potente e um braço prompto attingem este singular facto nas raças depauperadas e gastas pela tyrannia—que á idéa se siga a acção.

E ahi está porque os brazileiros estimam e respeitam Manuel Deodoro da Fonseca, generalissimo dos Estados Unidos do Brazil.

Manoel Barradas.

AS NOSSAS GRAVURAS

ANNIVERSARIO DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

SESSÃO SOLEMNE DA SOCIEDADE DE BENEFICENCIA BRAZILEIRA

Para commemorar o primeiro anniversario da Republica dos Estados Unidos do Brazil, celebrou no dia 15 do corrente a Sociedade de Beneficencia Brazileira, em Portugal, uma sessão solemne, nas salas do consulado do Brazil, em Lisboa.

Foi uma festa duplamente sympathica esta sessão solemne, porque commemorando a transformação politica de um povo pela vontade, por assim dizer, unanime d'esse mesmo povo, alliou a a essa commemoração a pratica da mais santa das virtudes—a Caridade.

Fôra escolhido esse dia pela sociedade para inaugurar na sala das suas sessões o retrato do presidente do governo da republica, o general Deodoro da Fonseca, dia de verdadeiro regosijo para o povo brazileiro, pela grande conquista alcançada na sua existencia politica, conquista que a todos surprehendeu, por se realisar no seio da paz, sem as violencias da guerra, unicamente pela força de uma idéa, aspiração suprema do espirito contra a materia, da força da razão contra o poder da força.

Ás duas horas da tarde d'aquelle dia as salas da sociedade enchiam-se de convidados, aonde se via a *elite* da colonia brazileira em Lisboa, representantes da imprensa e correspondentes de jornaes estrangeiros.

Os convidados eram recebidos pelo conselho director da sociedade, á frente do qual se encontrava o digno consul do Brazil sr. Vieira da Silva, cavalheiro estimabilissimo e que em Lisboa gosa das mais justas e merecidas sympathias.

As salas, decoradas com muito gosto, apresentavam o aspecto festivo das grandes solemnidades, exhibindo as damas os seus custosos *toilettes*, onde realçavam os brilhantes em profusão.

Por toda a parte flores e bandeiras, e na sala principal, por sobre a mesa da presidencia, pendia da parede um grande retrato a oleo do marechal Deodoro, pintado pelo eximio artista o sr. Felix da Costa.

Por sobre o retrato um elegante docel deixava cair vistosos cortinados que compunham bem com os tropheus de bandeiras que os ladeavam.

Pelas 3 horas tomou a presidencia o sr. marquez de Franco, tendo por secretarios os srs. Paulo Porto Alegre e conselheiro Serra Pinto.

Aberta a sessão, o sr. marquez de Franco convidou o sr. Coelho Gomes, encarregado dos negocios do Brasil em Portugal, a tomar a presidencia.

Depois do sr. Coelho Gomes proferir um eloquente e breve discurso a respeito da solemnidade de que ali se realisava, o mesmo senhor convidou as ex.mas sr.as D. Cecilia Guimarães e Rio Vez a descobrirem o retrato de Deodoro, que se achava velado pela bandeira da republica, ceremonia que foi saudada pelos vivos applausos da assemblêa, ao som da hymno nacional, executado por uma orchestra de professores, que tocava em uma sala immediata.

O sr. José Antonio de Freitas, distincto escriptor brazileiro, que se achava ha muito em Lisboa, pronunciou um brilhante discurso saudando com enthusiasmo o illustre marechal Deodoro, pondo bem em relevo as preciosas qualidades que adornam o primeiro presidente da republica dos Estados Unidos do Brasil. Foi primoroso na palavra como o é nos seus escriptos, e os applausos que o acolheram pelenamente justificados.

Fallou depois o sr. Pinto Rocha, um estudante da universidade, que discursou brilhantemente, manifestando as suas idéas democraticas com um vigor de palavra e conhecimentos scientificos, só excedidos pela elegancia e colorido da sua palavra.

Uma prolongada salva de palmas corôou o discurso do sr. Pinto Rocha, a quem a sociedade offereceu o diploma de socio honorario que ali lhe foi entregue pelo sr. Vieira da Silva

Em seguida encerrou-se a sessão sendo distridas esmolas aos soccorridos pela Sociedade de Beneficencia Brasileira, sendo essas esmolas entregues pelas ex.mas sr.as D. Amelia de Carvalho de Miranda, Nogueira Pinto e Serra Pinto.

Durante este acto era servida uma explendida refeição, neve, champagne, etc.

E assim celebrou a colonia brasileira em Lisboa o primeiro anniversario da republica havendo á noite um jantar no hotel Matta, promovido pelos srs Gomes Coelho e José Antonio de Freitas, que foi uma outra festa intima acompanhada de todos os primores da arte, onde não faltou um delicado *menu* illustrado por Bordalo Pinheiro, com uma alegoria á republica do Brasil, primorosamente executada em chromo.

Entre os diversos brindes levantados, houve um do sr. Gomes Coelho ao Marechal Deodoro.

A colonia brazileira foi ali comprimentada por uma commissão dos republicanos portuguezes, composta dos srs. Manuel d'Arriaga, Alves Corrêa e Cecilo de Sousa.

A PROCLAMAÇAO DA REPUBLICA NO BRAZIL

(Quadro de Oscar da Silva)

A' estrema amabilidade do sr. Vieira da Silva, dignissimo consul geral do Brazil em Lisboa, devemos o poder reproduzir nas paginas do Occidente o quadro da proclamação da republica do Brazil pintado pelo sr. Oscar da Silva, artista brazileiro.

Foi o sr. Vieira da Silva quem nos facilitou a photographia de que a nossa gravura é copia, photographia que lhe foi enviada do Rio de Janeiro pela redacção do jornal o *Paiz*, nas salas do qual este quadro está em exposição.

Sem podermos avaliar o merito da pintura, visto que não conhecemos o original, este quadro é a reproducção da grande scena que se passou no Rio de Janeiro no dia 15 de novembro de 1889, e tem por isso todo o valor historico de um facto de tão alta importancia para a vida de uma grande nação.

Archival-o em nossas paginas é archivar um precioso documento para a historia do Brazil, a que Portugal não é indifferente pelos laços intimos que ligam estas duas nações irmãs.

O quadro representa a artilharia formada em frente do quartel do Campo de Sant'Anna, salvando com vinte e um tiros a proclamação da republica, feita pelo general Deodoro, Quintino Bocayuva e Beujamin Constant.

O GENERAL AUGUSTO XAVIER PALMEIRIM

Falleceu em Lisboa na sua casa da rua de Sant'Anna, na madrugada do dia 14 do corrente, o general Augusto Xavier Palmeirim, um dos mais antigos generaes do exercito portuguez e ao mesmo tempo dos mais illustrados e prestantes, pois que serviu a patria por mais de sessenta annos.

Não é a biographia do illustre general que vamos aqui fazer, senão que reunir algumas notas da sua vida tão carregada de annos como de serviços.

Nasceu Augusto Xavier Palmeirim pelos annos de 1807 e era filho do tenente general Luiz Ignacio Xavier Palmeirim, um dos generaes da guerra contra os francezes, ou guerra da peninsula.

Sentou praça de cadete sendo ainda uma criança, contando pouco mais de oito annos, a 8 de maio de 1815, sendo promovido a alferes a 10 de novembro d'esse mesmo anno, distincção que lhe foi concedida em attenção aos serviços de seu pae.

Dava-se isto então na côrte do Rio de Janeiro, para onde fôra D. João VI, e onde o acompanhara, entre outros, o tenente general Xavier Palmeirim com seu filho.

A 16 de fevereiro de 1816 era o joven militar elevado á honra de fidalgo cavalleiro da casa real, seguindo-se-lhe a promoção de postos até ao de capitão, que alcançou em 1821, e ainda n'este anno as honras de exercicio no paço.

Foi depois do regresso ao reino da familia real, que o capitão Palmeirim veio completar os seus estudos militares na Acamia de Marinha, estudos que teve de interromper, para concluir mais tarde, em 1841, completando então o curso de estado maior, tendo a este tempo o posto de tenente coronel a que fôra promovido por ordem do exercito de 19 de abril de 1837.

São innumeras as commissões de que foi encarregado e em que tomou parte importante, sempre de modo superior a todo o elogio. Entre muitas citaremos as seguintes: commissão encarregada de um projecto de regulamento para o serviço interno dos quarteis; da reorganisação do collegio militar; da organisação do monte-pio militar; da reforma do arsenal do exercito; director do collegio militar; da fabricação da polvora; codigo penal; defeza do paiz, etc., etc.

Fez tambem parte das commissões que tiveram por fim reorganisar o exercito e os serviços da secretaria da guerra, e a da lei de promoções.

Membro do conselho geral de instrucção militar, e da commissão portugueza de soccorros aos feridos em tempo de guerra.

Em 1870 foi promovido a general de divisão, posto em que foi reformado em 1887 por motivo de doença, que o impossibilitou.

O general Palmeirim representou Portugal na conferencia de Bruxellas de 1874.

Foi eleito deputado em varias legislaturas e tomou parte muito activa nos trabalhos da camara, entrando nas commissões de guerra e de fazenda.

Não devemos deixar de mencionar a parte que o illustre general tomou nos trabalhos da commissão que reformou o serviço do correio e postas.

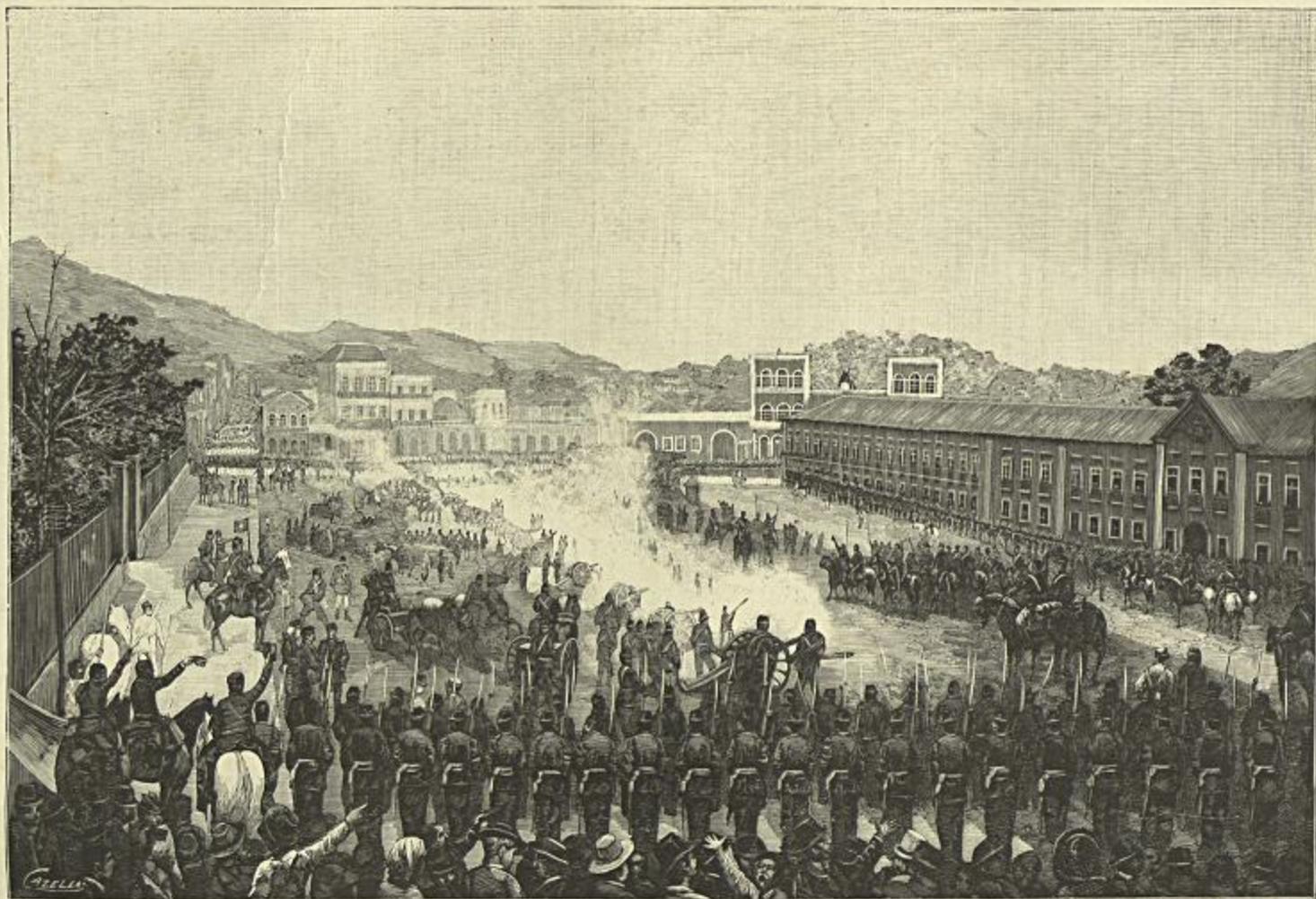
Por estas rapidas notas, em que deixamos de mencionar muitas mais commissões, além das que ignoramos, se pode bem avaliar da capacidade, illustração e actividade do fallecido general, que só deixou de trabalhar quando a doença o prostrou no leito.

Em premio de tantos serviços foram concedidas ao illustre general as seguintes distincções, bem cabidas em tão prestante militar:

PRIMEIRO ANNIVERSARIO DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

SESSAO SOLEMNE NA SOCIEDADE DE BENEFICENCIA BRAZILEIRA — 15 Novembro de 1890

(Desenho de L. Freire)

PRIMEIRO ANNIVERSARIO DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL, NA MANHA DE 15 DE NOVEMBRO DE 1889 — QUADRO POR OSCAR DA SILVA, PINTOR BRAZILEIRO

(Segundo uma photographia)

Grã-cruzes de Izabel a Catholica, da Corôa de Italia e de Aviz; commenda de Paleão e Casa Velha na Ordem de Christo, da Torre e Espada; grão commendador do Salvador da Grecia; commendador da Legião de Honra e medalha militar de ouro de bons serviços e comportamento exemplar. Par do reino vitalicio.

O general Palmeirim foi durante muitos annos presidente da commissão central 1.º de Dezembro de 1640, e á sua valiosa cooperação se deve o ter sido levado a seu termo o monumento levantado pela mesma commissão aos restauradores de Portugal.

Eis resumido a breves linhas o muito que havia a dizer a respeito de tão illustrado membro do exercito portuguez.

A POLVORA SEM FUMO

(Concluido do n.º antecedente)

E' certo que, embora não resolvido ainda completamente, pode o problema considerar-se em via de mui facil solução, sendo apenas questão de algum tempo, attento o esforço que por toda a parte se emprega para obstar a alguns inconvenientes apresentados pela maior parte dos explosivos, inconvenientes que até certo ponto neutralizam as vantagens já obtidas relativas á velocidade, alcance, fumo e estampido.

E', pois, inquestionavel que dentro em muito pouco tempo desapparecerá dos exercitos a polvora ordinaria, e será um grande perigo para aquelle paiz que a tempo se não precavir com a polvora sem fumo, porque em caso de guerra ficaria em condições manifestamente inferiores a respeito dos outros.

Não parece, pois intempestivo o estudo desde já das influencias que as novas polvoras possam trazer aos theatros da guerra. E por isso muito levemente faremos algumas considerações sobre o assumpto.

As maiores velocidades e a maior tensão da trajectoria, assim como a ausencia das nuvens de fumo terão como natural consequencia a dilatação das zonas perigosas. A artilheria e a infanteria poderão abrir o fogo ás distancias maximas do seu alcance. Os combates serão pois iniciados a distancias maiores e dilatados por mais tempo esses periodos de guerra. Por tal motivo será extraordinariamente grande o consumo de munições, circumstancia que obrigará a modificar a carga do soldado no tocante aos artigos de fardamento.

Esta condição de maior afastamento entre os exercitos contendores no inicio dos combates, tornará mais perigosos os reconhecimentos e as explorações, cujos encarregados terão de se desviar mais das forças que os protegem. E achando-se o campo inimigo desembaraçado dos antigos obstaculos, duplamente perigoso e difficil se tornará aquelle serviço, pela falta de alvos visiveis. Os reconhecimentos terão pois de ser mais minuciosos e ao mesmo tempo dirigidos com maiores cautellas. Os officiaes deverão usar oculos de alcance ou outros quaesquer apparelhos opticos.

A exploração pelas patrulhas de cavallaria exporá estas ao maior risco, porque as emboscadas e surprezas serão mais faceis. Os cavalleiros poderão ser prostrados pelo fogo inimigo, sem que ao menos saibam d'onde elle parte. E as forças de que elles destacaram poderão egualmente ignorar o que é feito d'elles: se andam extraviados ou foram victimados.

Em taes condições será porventura conveniente substituir as patrulhas de cavallaria por esclarecedores de infanteria? A substituição parece impor-se, mas é mister não esquecer que as forças do infante não podem equiparar-se ás do cavallo e que portanto não é licito exigir d'aquelle, de mais a mais avergado ao peso de pelo menos vinte e tantos kilogrammas (e bom fôra que a isso reduzissem o equipamento do nosso soldado,) não é licito exigir-lhe esforços que não cabem na natureza humana; além de que elle não pode dispor da celeridade precisa para transmittir os avisos necessarios, dada a circumstancia da detonação de um tiro não se ouvirá além de 200 ou 300 metros. Parece pois que as patrulhas de cavallaria continuarão a ser indispensaveis, ao menos para o estabelecimento das communicações. E porque serão indispensaveis, terão de adquirir e desenvolver no maximo grau as qualidades de ligeireza e resistencia, além de uma mais cuidada preparação para esta sorte de serviço.

Poderia occorrer o estabelecer-se uma distancia mais profunda entre os caçadores e infantes, recrutando para aquelles os homens melhor constituidos e dando lhes mais esmerada instrucção; mas essa solução tem graves inconvenientes, qual, por exemplo, o de crear corpos de *élite* origem de rivalidades no exercito. Lembraria tambem o educar em cada companhia os homens mais robustos e melhores atiradores, mas tal processo desagradaria muito aos capitães, privados assim em cada momento dos seus melhores soldados.

As difficuldades e perigos dos reconhecimentos, em virtude dos quaes destacamentos inteiros podem ser feridos de morte pelo inimigo emboscado, obrigam necessariamente a maior vigilancia, maior astucia e sangue frio, instrucção pratica mais acurada e disciplina mais apertada. A tendencia pois para abreviar o tempo de serviço nas fileiras terá de ceder ante a necessidade da instrucção. Tambem parece concludente que o pessoal do estado maior tenha de ser mais numeroso.

Quanto ao combate em si, será naturalmente mais curto e sangrento. A vantagem estará sempre, em egualdade de circumstancias, do lado da defensiva. Mas aqui ha um ponto essencialissimo a considerar, e é o estado moral das tropas. O caracter e a impresionabilidade dos exercitos são agora factor importantissimo. Os destroços feitos nos arraiaes, vistos a nú pelas tropas, hão de desmoralisal-as em maior ou menor grau, e não será difficil em certos lances surgir o panico no grosso de um exercito, o que significará *ipso facto*, a sua derrota. A intensidade e o dizimar dos fogos ás curtas distancias obrigarão os contendores a approximarem-se resolutamente e a ferir o combate decisivo.

O papel de general em chefe tornar-se-ha cada vez mais arduo, reclamando d'elle qualidades mais eminentes. A falta de muitos elementos de apreciação, o maior numero de lances imprevistos, a presteza com que se succederão escaramuças e combates, a disseminação forçada de suas forças, obrigal-o-hão a resoluções rapidas que ou salvarão ou perderão o seu exercito. Um momento de hesitação, uma perturbação de animo, uma concepção menos recta comprometterão fatalmente a operação.

A artilheria, livre de obstaculos, poderá dirigir melhor os seus tiros e empregal-os ás maiores distancias. A que conseguir divisar primeiro a contraria poderá anniquilal-a desde logo. Os intervallos entre as boccas de fogo deixam de estar sujeitos a certas imposições, podendo portanto concentrar-se maior numero n'um espaço dado. Toda a sua vantagem consistirá em não se descobrir; e por isso as evoluções que houver de fazer serão effectuadas com o maior cuidado. A cavallaria e a infanteria não mais poderão expor-se em massa á vista da artilheria inimiga, e por tanto os alvos d'esta passarão a ser menores. Mas, se por um lado lhe convem não ser descoberta, por outro mais lhe deve interessar buscar um largo campo de tiro, porque o papel offensivo deve prevalecer ao defensivo. Com relação aos ataques da cavallaria, serão para ella menos de temer por não haver motivo para a confusão e desordem com que até agora, em meio de uma nuvem de fumo, podia ser assaltada e quasi surprehendida. Tambem se achará em melhores condições de proteger o fogo de fusilaria.

A cavallaria parece dever experimentar uma modificação importante nas funcções que até hoje desempenha. As cargas desapparecerão por ventura dos annaes militares. A sua presença em esquadrões ante o inimigo será uma verdadeira temeridade. Não será arriscar muito affirmar que o seu sacrificio na guerra subirá extremamente de ponto. Por isso o seu commando tornar-se-ha mais difficil e de maior responsabilidade.

Terá de conservar-se a maiores distancias, mormente quando tenha que operar evoluções. Nos casos, embora raros, em que tenha de intervir, ou seja para completar uma derrota ou para conter por momentos o inimigo que persegue o seu exercito, terá de desenvolver a maior energia e a mais notavel celeridade. Agora mais que nunca carecerá de adquirir a rapidez e ligeireza, porque, dada a oportunidade da sua intervenção, força lhe será conseguir o seu fim ou sacrificar-se.

Mas, se como arma de combate escacearão as occasiões em que as suas avalanches se precipitem sobre o inimigo, as suas cargas, a effectuarem-se, serão certamente muito mais temidas pelas tropas, quebrantadas no seu moral pelo desenvolvimento do combate, observado em uma atmosphera mais limpida e menos enebriante.

A sua importancia, como meios de communicação e transmissão de ordens, crescerá extremamente, bem como o seu emprego na exploração ás grandes distancias, apoiada, sim, pela artilheria a cavallo. Mais que nunca o general em chefe carecerá a cada momento dos seus serviços para obter informações, para transmittir ordens, tudo com a maior rapidez e exactidão; d'onde se conclue que a execução do cavalleiro tem a melhorar e a resistencia do cavallo a augmentar grandemente.

Pelo que diz respeito á infanteria, a sua tactica elementar será necessariamente modificada. Começando o fogo de fusilaria ás maiores distancias, o consumo de munições tenderá a crescer successivamente, sendo por isso indispensavel manter a todo o custo a disciplina dos fogos. Bem sabemos que este desideratum é quasi uma utopia. Vão lá ter mão no atirador que tem os ouvidos cheios do zunido das balas. Mas visto como a ausencia de fumo permitte que os soldados fiquem mais debaixo da acção de seus chefes, a estes cumpre cohibirem, a todo o custo, o desperdicio das munições. Será muito conveniente que officiaes e sargentos sejam providos de bons oculos, não o seria menos que por cada companhia, secção ou esquadra houvesse oculos montados em tripé.

Como se pode desde já presumir, a instrucção da infanteria será essencialmente individual, e toda a sua importancia derivará da qualidade de bom atirador.

Os abrigos de terreno, naturaes ou artificiaes, serão a sua unica arma defensiva; entretanto, quando atacante, mister lhe será avançar algumas vezes a descoberto. Em todo o caso terá de prescrever as formações em columna. A ordem dispersa está naturalmente indicada, não só para as forças de 1.ª linha, mas ainda para os apoios e reservas. Estes não terão o fumo a proteger-lhes as formações e evoluções e soffrerão agora maior damno, com grave impaciencia das tropas que se veem fusiladas sem corresponderem a esse fogo.

O serviço de segurança durante os descanços e bivaques será relativamente mais facil, parecendo que apenas se deverão reduzir as distancias, a fim de que as differentes fracções possam ouvir os tiros trocados com as sentinellas e vedetas ou outras fracções pequenas, no caso de serem atacadas. O serviço, porém, das marchas exige precauções mais notorias. Será indispensavel augmentar as forças da vanguarda, apertar e melhorar as communicações, multiplicar os meios de aviso entre as diversas fracções e conduzir a reserva da 1.ª linha em ordem dispersa.

Esta circumstancia de obrigar os apoios e reservas á ordem dispersa, sendo um tanto prejudicial á disciplina e á boa direcção das tropas, parece exigir maior numero de officiaes, augmento já aconselhado pela necessidade de dar maior desenvolvimento á instrucção individual do soldado. O serviço de exploração em toda a sorte de terrenos, a fortificação de campanha e o tiro ao alvo e de combate devem ser o objecto constante de todos os exercitos militares.

A ordenança terá de ser esmondada de muitas formações compactas, reduzindo-as ao minimo.

Diremos por fim que não só será de rigor abolir no fardamento e equipamento quanto possa servir de alvo á observação persistente do inimigo, como são as cores vivas e brilhantes, mas ainda que deverá estudar-se com disvelo o melhor meio de aligeirar o soldado, para que elle possa, armado e equipado, acommodar o corpo a todas as posições, quer marchando quer não, e aproveitar com vantagem os accidentes do terreno, unico escudo que o podera defender dos tiros mortaes do inimigo.»

UM PASSEIO PELO ESPAÇO

II

Entre as maravilhas que o telescopio nos descobriu, pesquisando os recantos do espaço, nenhuma tão digna de admiração como a existencia de estrellas *variaveis* cuja côr e brilho sejam periodicos. A mais audaz imaginação não sonhara taes phenomenos, e agora que a sua existencia é evidente, custa ainda a imaginal-as: estrellas que luzem hoje com grande brilho para desapparecerem amanhã!

Não só isto é certo, senão que succede ainda mais: ha estrellas cujo brilho deminue insensivelmente até desapparecer a nossos olhos.

A que causa obedece este phenomeno? Destruiram-se? Deixaram de pertencer por sua destruição á interminavel serie de corpos celestes? Afastaram-se tanto de nós que se tornaram invisiveis?

Assim como ha quem affirme que um dia virá em que o sol se apague para sempre; ter-se ha tambem para sempre apagado o brilho d'essas estrellas? Morreriam?

Pelo contrario, ha estrellas que apparecem su-

bitamente. Entre outras podemos citar uma que appareceu na constellação de Cassiopéa em 11 de novembro de 1572. O seu brilho, quasi imperceptivel a principio, chegou a ser superior ao de Jupiter, o que permittia observal-a ainda de dia; decresceu até março de 1574, data em que desappareceu de todo.

A 10 de outubro de 1604 appareceu outra estrella, cujo brilho chegou a comparar-se com o de Venus. Kepler observou esta estrella em 16 de novembro, desde quando o seu brilho começou a deminuir até março de 1606, em que deixou de ser visivel.

O numero de estrellas apparecidas até o presente e que teem sido observadas, eleva-se a 21.

Como se explica esta apparição? Foram creadas posteriormente (a data da sua apparição) ás outras? Se foram creadas ao mesmo tempo que as demais, não acabaram de formar-se e aperfeiçoar-se? ou estando já creadas, se teem ido approximando de nós, até que, de invisiveis que eram, se tornaram perfeitamente visiveis?

Houve algum transtorno essencial, alguma destruição, no systema a que antes pertenciam, em virtude do qual se precipitaram para o nosso systema sem chegarem a penetrar n'elle por effeito das attracções dos outros astros?

Depende essa variação de modificações essenciaes na propria estrella?

Confessamos ingenuamente a nossa ignorancia; não sabemos explicar o phenomeno, não podemos responder áquellas perguntas.

Espectaculo immenso, illimitado, é para nós incomprehensivel.

As maravilhas que acabamos de expor, são pallidas comparadas com as que vamos contemplar.

Toda a classificação, ordem, juizo, etc., que até agora achamos estabelecidos não teem aqui a menor explicação. Estamos já em outro mundo desconhecido, inverosimil, extranho.

A luz, o calor, os movimentos, a vida, as forças que a manteem, as estações, o mundo visivel e invisivel, tudo apparece transtornado, novo, surprehendente.

A olho nú ou com o auxilio de telescopio de potencia regular, só vemos as estrellas como pontos luminosos, mas se lhes multiplicamos a força, achamos que esses pontos se duplicam, triplicam, etc.

Com effeito ha estrellas duplas, triplices... e até septuplas.

O vermol-as como uma só, é simplesmente devido a uma illusão optica; apparecem assim por estarem em uma mesma direcção, embora em realidade sejam muito distinctas. Para podermos observal-as necessitamos de poderosissimos instrumentos e circumstancias atmosphericas especiaes.

Observadas essas estrellas com um telescopio de potencia regular, vêem-se decompostas em duas ou mais estrellas; mas se augmentamos o alcance do instrumento podemos descobrir ainda mais algumas. É digno de menção que essas estrellas teem de ordinario uma principal em torno da qual giram as outras, o que permitte crer que sejam outros systemas analogos ao nosso. Como exemplo podemos citar a alpha da Ursa Menor (a Polar). Segundo observações feitas pelo astronomo Henry Stack, essa estrella forma em rigor um systema de quatro, que giram á roda da principal, com um movimento summamente rapido: a magnitude d'essas estrellas calcula-se entre a 12.ª e a 14.ª

Das estrellas duplas mais notaveis podemos citar: alpha *Geminis*, composta de uma de 3.ª e outra de 7.ª; bêta *Orion*; épsilon *Lyra*; alpha *Leo*; gamma *Virgo*; êta *Cassiopeae*; épsilon *Boots*; sigma *Cassiopeae* e outras.

Das triplices temos: alpha *Andromedae*; zêta *Cancer*; nu *Lupus*; mu *Bootes*; outra em Unicornio; outra em Pegaso, etc.

Quadruplas são: epsilon *Lyra* (*Vega*); alpha *Ursae minoris (Polar)*; uma em *Tauro* e outra em *Cassiopeae*.

Sextuplas: thêta *Orion* e a 548 de Herschell. Com respeito á primeira, devemos observar que segundo Herschell é sextupla e segundo Lasel é septupla.

Francisco de Almeida.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XXV

Momentos depois de se retirarem da janella a Emilinhas e o Quim ouviram uma grande campainhada á porta.

—Quem mais teremos? disse a Emilinhas já seccada com tantas visitas a seguir, sem lhe darem um bocadinho de descanço.

—Olha, seja quem fôr diz-lhe que eu não estou em casa, recommendou o Quim. Tenho que fazer no escriptorio e não posso perder aqui o dia todo a aturar massadores.

A criada que tinha entretanto ido ver quem era voltava a correr:

—E' uma senhora que eu nunca vi cá.

—Uma senhora? Não disse quem era? perguntou a Emilinhas.

—Não senhor, só disse que precisava muito urgentemente fallar ao sr. Barradas.

—A mim! perguntou o Quim muito admirado, pois não costumava ser procurado em casa por senhoras.

—Ao meu irmão? perguntou a Emilinhas tambem muito admirada.

—Sim senhor.

—E não disse quem era?

—Não senhor, só disse que queria fallar ao senhor.

—E que qualidade de senhora é? inquiriu meio desconfiada a Emilinhas.

—Que qualidade? Como? perguntou a criada que não tinha percebido muito bem a pergunta.

—Sim, é senhora seria ou coisa de pouco mais ou menos, explicou a Emilinhas.

O Quim escandalisou-se com essa explicação que importava uma suspeição desagradavel para o seu comportamento, suspeição de que a correcção inquebrantavel da sua vida de familia o devia pôr ao abrigo, e reprehendeu magoado, compungido:

—Mana, essa pergunta realmente...

A criada respondeu logo muito palonsa:

—Eu sei lá se ella é seria ou não. Eu não a vi rir...

—Pois sim, mas é nova ou velha?

—E' nova! muito nova;

—Muito nova! repetiram ao mesmo tempo o Quim e a Emilinhas olhando um para o outro muito admirados...

—Sim senhor, muito novinha e não é nada feia.

—E com quem vem?

—Com quem vem! Vem comsigo mesma!

—O que? Vem sosinha?

—Eu pelo menos não vi mais ninguem.

A admiração dos dois subiu de ponto...

—Olha! diz-lhe que o senhor já sahiu, despacha a Emilinhas.

—Não... não... protestou logo o Quim, que começava a estar cheio de curiosidade e a sonhar romanticas aventuras...

—Eu já lhe disse que estava em casa, agora não tenho cara de lhe ir dizer isso, tornou a criada.

—E deixaste a ficar na escada? perguntou o Quim.

—Não senhor, mandei-a entrar para a saleta... Era uma senhora...

—Eu vou lá, disse a Emilinhas, eu a despacho.

—Nada, nada, tornou o Quim, ella procura-me a mim, eu é que devo despachal-a.

—Mas vê lá o escriptorio...

—Não faz mal. Não é um minuto de mais ou de menos que faz nada ao caso.

E o Quim apurando a sua toilette, deitando uma vista d'olhos ao espelho, encaminhou-se para a saleta, seguido pé ante pé pela Emilinhas, que sempre queria ver quem era essa senhora nova e só que vinha procurar o seu mano a casa e porventura desinquietal-o ao seio da familia.

O Quim que conhecia bem sua irmã, e suspeitoso de que ella o queria espreitar apenas entrou na saleta fechou logo a porta sobre si, para lhe empatar as vasas.

Fechou a porta, mas quando se ia a voltar para ver quem era a tal senhora que estava á sua espera, sentiu-se agarrado pelo pescoço por dois braços vigorosos e na testa um beijo, quasi agressivo á força de vehemente, d'uns labios que escaldavam.

—Mas o que vem a ser isto? perguntou elle sem poder ver quem assim o abraçava.

—Sou eu que venho dizer-te: — Sou tua! Tua para sempre!

O Quim reconheceu então a voz e recuando espavorido, exclamou no auge da estupefacção:

—O que! A menina Alice!

—Eu propria.

—Aqui?

—Aqui e para sempre.

—Para sempre? repetiu elle aturdido, sem poder comprehender a significação de tudo o que via e ouvia.

—Para todo o sempre!

E a Alicesinha, pois era ella em carne e osso, quiz repetir o abraço da entrada começando já a repetir a phrase:

—Sou eu que venho dizer-te sou tua...

Mas o Quim por um movimento rapido de jogador de pau, agachou-se todo e furtando-se ao abraço que era dirigido com pontaria certeira ao seu pescoço, e recuando em direcção á porta, gritou:

—Ó mana! O' mana!

Como o Lusbel da oratoria de *Santo Antonio*. que surdia sempre apenas alguem chamava por elle, a Emilinhas surgiu immediatamente de traz da porta, como se ali estivesse já preparada á espera da deixa.

—O que me queres? o que é isto! perguntou ella.

O Quim não respondeu com palavras, respondeu com um gesto, apontando para a Alicesinha que indo a atirar-se de braços abertos ao pescoço d'elle e fugindo-lhe elle com o corpo, desabára debruços sobre um canapé.

—Quem é aquella mulher? perguntou a Emilinhas estupefacta.

E approximando-se para lhe ver a cara exclamou com espanto igual ao do seu irmão:

—A Alicesinha!

—Sou eu, sou, disse a Alice.

E como se ao mesmo tempo que tinha cahido no canapé tivesse cahido em si tambem, escondeu o rosto nas mãos, e desatou a chorar copiosamente, com muitos mais soluços que lagrimas.

—A Alicesinha! repetia não podendo dominar o seu espanto a irmã do Quim.

E voltando-se para o seu irmão perguntou:

—Mas o que quer isto dizer?

Elle encolheu os hombros como quem dizia: «Eu sei lá. «Tambem não percebo nada!»

—O que quer isto dizer? perguntou outra vez a Emilinhas, mas então dirigindo-se á propria Alice, á fonte limpa.

—Quer dizer que amo o teu irmão e que sou tua cunhada! disse a Alicesinha com a voz entrecortada pelos soluços.

A Emilinhas olhou outra vez para seu irmão, mas d'esta vez com o ar severo d'um juiz, como que farejando que ali houvesse o quer que fosse que ella ignorava, como que suspeitando que elle nunca lhe dissesse a verdade toda ácerca do seu namoro com a sua amiga...

O Quim comprehendeu muito bem todas as suspeitas e todas as censuras que havia n'aquelle olhar e com uma expressão a transbordar de sinceridade e de innocencia, disse:

—Juro-te menina...

—Mas então... murmurou ella estupefacta, sem perceber nada, dirigindo se novamente á Alicinha... mas então o que quer dizer isto?

Alice preparava-se para lhe dar a mesma resposta:

—Quer dizer que eu amo teu irmão e...

—Pois sim, mas como é que quer dizer isso? interrompeu a Emilinhas...

A Alice calou-se.

—Como vieste tu cá sósinha?

—Fugi de casa.

—Fugiste?

—Fugiu? exclamaram ao mesmo tempo a Emilinhas e o Quim.

—Fugi.

—Para que?

—Para vir para cá.

—Mas para vir para cá para que? interrogou a Emilinhas começando a azoar com aquellas respostas que não respondiam coisa alguma.

—Para ser mulher d'elle, para ser tua cunhada! tornou a menina Alice...

—Mas perdão! interveio o Quim, essas coisas não se fazem... e eu não me peza a consciencia de ter dado motivo a esse seu procedimento, de a ter aconselhado a esse passo...

—Não foste tu que me aconselhaste; foi o coração! respondeu altiva a Alice, como quem tem a consciencia de ter praticado uma façanha heroica.

(Continúa)

Gervasio Lobato

REVISTA POLITICA

Se pertendesse-mos massar muito os nossos leitores iriamos fallar ainda hoje do *Modus Vivendi*, que tem sido a ordem d'estes ultimos dias, mas como não temos essa criminosa ideia, deixaremos em paz o tratado de 20 de agosto chrismado em *Modus Vivendi*, que de resto já todos sabem o que é, e a respeito do qual nada temos a retirar do que ficou dito na nossa ultima revista e antes teriamos muito a dizer, se effectivamente não receasse-mos enfadar quem nos lê.

Dizia-nos Guilherme d'Azevedo, o poeta da *Alma Nova*, que brilhou no firmamento da poesia portugueza como o metheoro, que nunca se arrependera de escrever pouco, de deixar alguma cousa por dizer, e muitas e muitas vezes temos achado razão ao seu dito e nos temos applaudido de lhe seguir o conselho.

Outro tanto não poderão dizer para ahi alguns publicistas, que por muito escreverem de muito tem que se penitenciarem.

E afinal sempre é o *Modus Vivendi* que nos provoca estes raciocinios, que nos traz á lembrança as palavras de Guilherme d'Azevedo, que nos faz andar para traz e para deante a vêr o que ainda ha pouco alguns jornaes diziam do tratado de 20 de agosto e das suas consequencias, e o que esses mesmos jornaes dizem hoje, inspirados nos relatorios que precedem os decretos que se relacionam des farçadamente com o *Modus Vivendi*.

Que o estylo era coisa bonita para se lêr em obra litteraria toda a gente concorda e até gosta, mas que o mesmo estylo se intermeta nos documentos officiaes, é que era cousa pouco usada ou mesmo nunca vista, é verdade.

Pois caro leitor os negocios d'Africa até obrigam a deitar estylo os documentos officiaes já que não podem deitar outra cousa, e ao de menos vamo-nos despindo, pondo a pelle bem á mostra com bonitas palavras, porque este povo de poetas, ama antes de tudo as flores da rethorica, os primores da poesia ainda que a forneça a Praça da Figueira em noites de Santo Antonio, espetada em cravos de papel balouçando-se ao vento n'uma bandeirinha.

Sim a poesia é tudo n'este bom povo portuguez; elle canta em verso as suas desgarradas, o seu fado, elle adora os seus santos em verso, elle tem as suas maximas em verso, elle pela-se pelas charadas e logogriphos, elle embasbaca diante do cego que lhe annuncia em verso os casos extraordinarios, e dos jornaes só lê as gazetilhas rimadas ou os annuncios dos sabonetes do Congo por serem em verso, e portanto se esta sua perdilecção é tão caracteristica e tão notoria nada mais simples para elle ficar contente do que fallar-lhe em verso ainda que seja de pé quebrado e tudo assim se obterá d'elle.

E' pois, nossa opinião que d'aqui para o futuro os decretos, as portarias, os artigos do codigo e os recibos das decimas devem ser em verso, e veremos, como o bom povo paga tudo quanto lhe pedirem, dá tudo quanto tem, e até é capaz de imaginar e descubrir mais algum mundo para o dar de presente aos inglezes se estes se resolverem a falar-lhe tambem em verso.

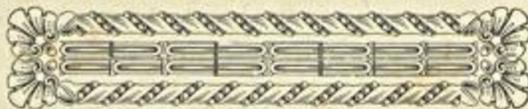
Já temos estylo official, venha o verso e está tudo arranjado.

E deixando o estylo official vejamos que outras novidades nos fornece a politica n'esta ultima dezena, que mais sensação produzissem.

Uma d'essas novidades foi a alliança secreta de Portugal com os Estados Unidos, novidade que produziu verdadeira surpreza assim como produziu verdadeira incredulidade, tão deshabituado-se anda da grande politica.

Aquella noticia transmittida de Londres ao *Gollois* por um seu correspondente, que contava a historia de umas negociações entaboladas em Lisboa, com um enviado particular do governo dos Estados Unidos, era completamente ignorada na nossa capital, e por isso foi logo posta de quarentena á espera de coisa que a confirmasse.

Afinal a historia era pura invenção, e tudo cahiu na realidade triste e desconsulada em que jazemos.

E lembrar-se a gente que tudo aquillo poderia ser uma realidade; lembrar-se a gente que essa alliança dos Estados Unidos foi ha muitos annos offerecida a Portugal mediante concessões que não nos vexavam, e que só tinha essa alliança o inconveniente de ser desagradavel á Inglaterra, e que por este facto não foi acceite, lembrar-se a gente d'isto e estarmos a soffrer as imposições da nossa *fiel alliada*, é preciso confessar que a boa tatica politica não tem sido o forte dos nossos governos, antes aterefados a cosinharem o carneiro com batatas das varias orgias eleitoraes. *João Verdades.*

RESENHA NOTICIOSA

Conde de Valenças. — Deu a sua demissão de ministro de Portugal, junto da côrte d'Austria, o sr. conde de Valenças, que ainda este anno tinha acceitado aquella elevada commissão.

O governo acceitou a demissão de s. ex.ª, conservando-lhe, porém, todas as honras do cargo.

O sr. conde de Valenças, nosso presado amigo, no pouco tempo que esteve em Vienna d'Austria adquiriu ali as maiores sympathias na alta sociedade viennense, sympathias justissimas para quem conhece o fino trato e excellentes qualidades que adornam o illustre diplomata.

A respeito da sua demissão encontramos no jornal francez *Le Nouveau Monde* a seguinte noticia, extremamente amavel e justa, que reproduzimos na propria lingua de Voltaire, para que não perca nada da sua elegancia:

« Notre ami, M. le comte de Valenças, vient de donner sa démission de ministre de Portugal près S. M. l'empereur d'Autrich. Le départ de cet éminent diplomate qui est aussi un écrivain de grand talent, sera certainement vivement regretté á Vienne.

Nous savons que pendant son court séjour dans la capitale autrichienne, M. de Valenças, ainsi que la comtesse de Valenças, une femme d'une grâce e d'une distinction rares, avaient reçu le plus sympathique accueil de la part de la haute société viennoise, la plus fermée de l'Europe.»

GENERAL AUGUSTO XAVIER PALMEIRIM

Fallecido em 14 do corrente

(Segundo uma photographia de Fillon)

Um rei pequenino. — São curiosas as seguintes notas d'um jornal francez a respeito do viver de D. Affonso XIII de Hespanha, o infantil rei que apenas conta cinco annos de idade.

O pequenino monarcha levanta-se ás 7 horas da manhã e toma um banho frio, á vista de sua antiga ama, que vigia constantemente o pequeno rei que a não tem querido dispensar. Terminado o banho desce ao jardim do palacio e toma chocolate á moda do seu paiz.

Brinca e diverte-se no jardim até ao meio dia sempre vigiado pela sua ama. A esta hora recolhe ao palacio e vae almoçar com sua mãe a rainha Christina regente de Hespanha. Depois do almoço faz um somno, adormecendo ao som dos cantos populares que a sua ama lhe canta.

Ás 4 horas já el-rei está acordado e passeia em companhia da sr.ª Tacon, do chefe militar de sua casa, o general Cordova cujo uniforme faz as delicias do infantil rei, que todo se enleva n'elle. Pede repetidas vezes que lhe deem um fato assim como o do general e pede-lhe o bastão com que se entretem a fazer caprichosos desenhos sobre a areia do parque.

Quando sae gosta muito de dar esmolas aos pobresinhos que vê, e para esse fim leva sempre as algibeiras cheias de *pesetas* com o cunho de sua efigie, que vae repartindo pelos pobres.

Ás 6 horas recolhe ao palacio e janta, comendo e bebendo do que quer.

E' esta, por emquanto, a educação phisica que o pequenino rei leva, segundo a vontade de sua mãe, que quer fazer de seu filho primeiro um homem do que um sabio, pois que a respeito de estudos, absolutamente nenhuns por ora.

A's 8 horas da noite é a hora exacta de D. Affonso se deitar. Despede-se da rainha Christina, que beija, e de todas as pessoas que estiverem presentes. Deixa-se despir pela condessa Peralta e adormece nos braços de sua ama que lhe canta:

Duerme niño chiquito
Que viene el coco
Y se lleva á los niños
Que duermen poco.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Publicaçoes da Companhia Nacional Editora recebemos as seguintes:

Bibliotheca do Povo e das Escolas. Vol. 186 — *Loucura e o genio.* Preço 50 réis.

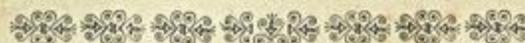
Diccionario Portuguez - Inglez, n.º 5 da collecção dos *Diccionarios do Povo.* Exemplar brochado 500 réis; cartonado em percalina, 600 réis; encadernado em carneira, 700 réis. O jogo completo, n'um só vol. carneira, 1$300 réis.

Astronomia Popular, de Flammarion. Fasciculo 42. Preço 80 réis.

A Terra Illustrada, por O. Reclus. Fasciculo 32. Preço 100 réis.

Linda de Chamounix, por A. de Ennery. Caderneta 64. Preço 100 réis, edição illustrada.

O Diabo na côrte, por Ortega y Frias. Caderneta 10 (folhas 8 a 13, 2.º vol.) Preço 60 réis, edição illustrada.

Orlando Furioso, de Ariosto, illustrado com as celebres composições de *G. Doré.* Fasc. 26. Preço 200 réis.

Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.ª
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43